

## AS MINHAS PRIMEIRAS SANDÁLIAS

O meu pai era guarda-fiscal, nascido aqui, no nordeste. A minha mãe nascera na mesma aldeia, foram namorados, pela primeira vez, e casaram em Carção.

Não tinham nada, os meus pais, a não ser o mísero ordenado dele e as mãos briosas que minha mãe tinha, para fazer todos os trabalhos domésticos e de costura; era ela que fazia os meus vestidos e as roupas dos meus irmãos. O dinheiro era muito pouco, para os pais e quatro filhos, e não dava para tudo.

Pela necessidade e por gosto, o meu pai dedicava-se, nas horas vagas, ao trabalho de sapateiro. A minha irmã mais velha foi a primeira a ganhar umas sandálias. Eram lindas, mas a fazenda não chegou para mim e lembro-me de que chorei, nesse dia, porque também queria umas. E a promessa ficou feita. O meu pai prometeu nesse dia, juntar dinheiro, comprar cabedal, fivelas e um fio amarelo – é que eu queria as minhas sandálias cozidas a amarelo, a minha cor preferida.

Era dia de festa da Senhora das Graças, em Carção, aldeia de onde os meus pais eram naturais. Eu estava contente, de vestido novo, um laço a condizer nos meus caracóis longos... que pena, só me faltavam as sandálias!

A minha mãe avisou-me logo cedo: não dera para tudo, eu deveria levar as chinelas velhas, ainda estavam boas e, com uma graxinha de pomada....

Sorri para a minha mãe mas, quando o meu pai entrou, as lágrimas vieram-me aos olhos.

- Apressem-se, recomendou o meu pai, ainda vai ser difícil descer a ladeira e a burra parece manca. A tia Maria não nos pode emprestar a mula.

Não havia estrada. O único caminho era uma ladeira, cheia de pedras, por onde só os animais podiam andar. Eram uns 20 km, aquilo que agora são 8km por estrada. Lá fomos, para Carção. Eu ia feliz; já havia esquecido as sandálias, sabia que ia encontrar a minha avó, os meus primos, as minhas tias e que ia receber de cada um, uma “croá” (50 centavos) – meu Deus, tanto dinheiro que eu ia juntar...

Conversámos todo o caminho e notei que o meu pai ia contente de mais, para o que lhe era habitual. Mas, como era dia de festa e ele ia tocar guitarra e cantar o fado com os amigos, isso parecia-me razão suficiente para estar feliz. Além disso, iria ver a mãe, que ele adorava.

Mesmo à chegada a Carção, o meu pai desceu-me da jumenta, debruçou-se sobre os meus pés, tirou-me as chinelas velhas que trazia calçadas e colocou nelas as minhas SANDÁLIAS.

Que coisa mais linda! Que lindas sandálias ele me tinha feito!

Não posso contar os beijos que dei ao meu pai.

Maria Helena Rodrigues-1

## A CAIXA AZUL

Eu tinha apenas 4 anos, mas recordo ainda este episódio, como se numa nuvem estivesse guardado, como se fosse um sonho.

A minha mãe, havia-me dito que eu ia ter um irmão e que o bebé viria numa caixa azul, muito bonita. Eu poderia ficar com a caixa, dizia-me a minha mãe.

E dia a dia eu ficava mais ansiosa... era Dezembro, fazia um frio terrível e eu, sentada ao lume, fazia perguntas e mais perguntas:

-Mãe, porque estás tão gorda?

- Preciso estar forte quando vier o teu irmão, é sempre assim.

De facto eu via sempre as mães gordinhas, principalmente na barriga, quando iam chegar os bebés...

Veio o dia 24 de Dezembro, e eu não pensava nos meus anos que ia fazer em Fevereiro e que a minha mãe usava sempre, para me entreter. Eu só pensava no meu bebé que ia chegar numa caixa azul. À noite, o sino tocou e lembra-me que a tia Cantaria me cobriu com o xaile... mas eu ouvi gritos, era a minha mãe que gritava e eu estava muito confusa.

Lembro-me perfeitamente de ter tentado entrar no quarto donde vinham os gritos, mas alguém me impediu, e eu estava muito aflita.

Sei que me levaram à missa da meia-noite (do galo, como lhe chamam) e no regresso, já só havia silêncio em minha casa.

De repente, pensei: - E a caixa azul, e o meu irmão?

Comecei a procurar, entrei no quarto e encontrei a minha mãe, muito pálida, abraçada a um ser pequenino: era o meu irmão. Achei-o feio, era vermelho, parecia tudo menos um bebé.

- Beija o menino, o nosso menino, o nosso menino Jesus... é o teu irmão, Helena.

Não foi isso que fiz. Corri para a porta e perguntei às mulheres que se encontravam ali:

- Onde está a minha caixa azul?

Uma das mulheres, respondeu-me:

- Leva-a aquela mulher debaixo do xaile, ela amanhã vai trazer-ta.

Corri atrás da tia Piruca, a rua era a subir, mas eu apanhei-a, mesmo ao cimo da rua.

- Dê-me a caixa, é minha, quero a caixa onde veio o meu irmão.

A mulher abriu o xaile, era a porteira, mas debaixo do xaile levava apenas umas toalhas brancas.

- Onde está a minha caixa azul?

E a mulher respondeu-me, fazendo-me uma carícia:

- A tua mãe te explicará, minha linda, ou então eu explico-te amanhã...

E eu regresssei a casa.

Maria Helena Rodrigues-2

## O GRANDE DIA

---

Finalmente, chegou o grande dia, aquele que eu esperava, com tanta ansiedade.

No dia de Natal, era sempre a primeira a acordar. Aliás, invadida pelos sonhos do Menino Jesus, pouco dormia. Na noite do dia 24, colocava a minha bota (talvez o único par) no cimo da chaminé. Assim nasciam todos os sonhos. O que seria que o Menino Jesus iria lá colocar? Roupa? Chocolates? Seria maravilhoso se fosse uma boneca!...

Acabava o galo de cantar e, sem fazer barulho, saltei da cama e corri à chaminé: - Ah! Dois chocolates e umas luvas...! Espero que não te esqueças da boneca, no próximo ano, ouviste, Menino Jesus?...

E, mais um ano, eu tinha acertado nos presentes. Mesmo assim, estava muito contente. E como ainda era muito cedo, tinha tempo de dar uma espreitadela às botas dos meus irmãos. Talvez a boneca estivesse trocada, pensava eu... Mas não, a minha irmã iria receber chocolates e um casaco. Já ao meu irmão, o Menino Jesus tinha colocado na sua bota umas calças e um livro... sim, ele gostava muito de ler.

A neve caía e, entretanto, os meus pais acordaram.

- Então gostaste, Sara?

- Sim, mas eu queria uma boneca...

- Já não és menina de bonecas, tens 8 anos! Além disso precisavas de umas luvas para quando saíres à rua...Era o diálogo típico de todos os anos com os meus pais. Mais tarde ia à missa, beijava o Menino Jesus e agradecia-lhe os presentes, relembrando-lhe, sempre, a boneca... Pouco depois chegavam os tios e primos para almoçar em minha casa. Era uma ementa diferente do habitual. Mas não era só a comida que era diferente, era todo aquele ambiente de alegria, de paz, de carinho ...

Quando tinha 10 anos, a curiosidade era muita. Havia meninos que desconfiavam dos presentes oferecidos pelo Menino Jesus. Então, na noite do dia 24, depois de desejar “Boa Noite”, fiquei a espreitar os meus pais. Foi a desilusão total. O desânimo invadiu-me. Afinal não era o Menino Jesus que me oferecia os chocolates nem a roupa, eram eles! No entanto, a minha tristeza e revolta foram efémeras. Nem queria acreditar que, pela primeira vez, ia receber uma boneca! Uma boneca só para mim, com um vestido azul e lábios vermelhos e cabelos que eu podia pentear e emprestá-la, vaidosa, às minhas amigas ..

Foi um Natal diferente, marcado por uma mistura de tristeza e muita alegria.

Agora tudo mudou. As crianças já têm a lista de presentes para entregar aos pais, cujo intermediário é o Pai Natal...Cada vez menos se reúne a família, uns porque estão longe, outros porque trabalham ou, simplesmente, porque não dão importância ao convívio familiar típico desta quadra. A minha filha nunca recebeu uma boneca, recebeu muitas e muitas...Nunca desejou um chocolate, ofereceram-lhe várias caixas deles...

Mas sendo tudo diferente, e eu, já “crescida”, e apesar de já não colocar a bota na chaminé, continuo a sonhar com o Menino Jesus e a ser a primeira a acordar no dia de Natal!...

Sara Maria Fernandes Falcão-1

## Ilha da Madeira

14 de Dezembro de 1979. Um dos dias mais felizes da minha vida. Nesse dia recebi o alvará de colocação. Era o meu primeiro emprego.

Ia começar a trabalhar, ao fim de três longos e horrorosos anos, que passei desempregada, em casa dos meus pais, condenada a ouvir piadas e comentários desagradáveis da minha mãe. Nesse mesmo dia, telefonei aos meus tios, que moram no Porto, para me comprarem o bilhete de avião, já que teria de voar em direcção à ilha da Madeira. Tinha sido colocada na escola de Achadas da Cruz, concelho de Porto Moniz, bem no norte da referida ilha. Estava tão feliz!... Não há palavras para o descrever. Naquela noite, mal dormi. Eram muitas emoções juntas: o meu primeiro emprego, a viagem de avião, aquela terra tão distante e talvez tão diferente, o meu dia a dia, o meu futuro...

No dia seguinte, juntamente com duas colegas, também colocadas na mesma data, viajámos para o Porto, já com a certeza de que o meu tio tinha conseguido os bilhetes.

Dia 16, dirigimo-nos para o aeroporto. Passados minutos, o avião descolou... Lá do alto, a cidade do Porto foi ficando cada vez mais pequenina. Depois apareceram as águas do mar e os barcos. E nada mais!... Pouco tempo depois, sobrevoávamos a Ilha da Madeira. Então espreeitei pela janelinha circular. Lá em baixo havia beleza nos jardins floridos à volta das casas. Beleza nas estradas, serpenteando os montes cobertos de densa vegetação. Era a «Pérola do Atlântico» à vista. O avião aterrou suavemente.

Dirigimo-nos, então, para as Delegações Escolares a fim de nos apresentarmos ao serviço. Eram três localidades, todas diferentes. Ainda hoje, passados quase vinte e dois anos, recordo com saudade aquela senhora, a Delegada Escolar, o carinho com que me recebeu, as informações e conselhos que me deu, ao saber que era do Continente e que ia iniciar o meu primeiro ano de serviço. Foi extremamente simpática e atenciosa. Dirigi-me, então, para a escola. Tinha pela frente uma turma de 27 alunos da 1ª e 2ª classes. Depressa me apercebi da “pobreza” daquelas crianças: muitos piolhos, muita fome e muito álcool naqueles corpinhos.

É claro que eu, inexperiente, lá ia fazendo o que podia, com a ajuda da funcionária da escola e de mais três colegas que trabalhavam comigo e moravam na mesma casa. Apesar da distância que me separava da família e dos amigos, não me sentia só. De vez em quando dávamos uns passeios pela ilha. Subindo e descendo montes, por estradas cheias de curvas, parávamos para contemplar a beleza de um ou outro recanto de paisagem.

Lá no meu «concelho», passávamos por um caminho muito estreito, cavado na rocha, à beira de um terrível precipício. Íamos às piscinas naturais, em Porto Moniz, em que as próprias rochas no mar, dão formas a agradáveis piscinas. O Restaurante Cachalote, ali à beira... tudo tão natural e tão belo!

E as casinhas de Santana, com os telhados de palha que vão até ao chão! A ponta de S. Lourenço, que penetra no mar; a Prainha, com a sua areia preta, e tantos outros sítios que nos deixaram deslumbradas. Isto sem falar das muitas e belas flores e dos frutos tropicais: mangas, abacates, anonas... E a ilha de Porto Santo, com as suas belíssimas praias de areia fina! Jamais irei esquecer.

E a prova é que, no final do ano lectivo, eu comprei bilhete de ida e volta, com a intenção, é claro, de voltar no ano seguinte. Isso não aconteceu por vários motivos.

Mas ainda hoje guardo na minha memória todas estas «histórias», assim como o bilhete de avião.

Sara Maria Fernandes Falcão-2

## QUEM ESPERA SEMPRE ALCANÇA

No ano lectivo 1999/2000, tive conhecimento de que iria funcionar na E.S.E. de Bragança, o curso de Complemento de Formação Científica e Pedagógica para Professores do 1-º Ciclo, com a duração de dois anos, equiparação a uma Licenciatura e acesso ao 10-º escalão. O curso aliciou-me! A quem não aliciava?

Comentava-se que eram muitos os candidatos a concorrer; só teriam preferência os professores com maior graduação profissional e os que tinham alunos estagiários da E.S.E.. Enfim, alguns critérios de selecção para poder ingressar na referida Instituição. Ainda pensei duas vezes. Avanço com a minha candidatura, não avanço. Pensando melhor e analisando os prós e os contras, tratei de reunir todos os elementos indispensáveis à elaboração do meu “curriculum vitae”.

De antemão, tive sempre a esperança de que eu iria fazer parte da lista de seleccionados, uma vez que me parecia ter um vasto currículo embora tivesse consciência de que me encontrava, ainda, a meio da carreira profissional e também por causa da idade (bastante nova, a meu ver). Passei dias e dias a reunir toda a documentação fundamental para a elaboração do CV. Não foi fácil.

Confesso sinceramente: se um dos itens do currículo dizia respeito a “Serviços Prestados à Comunidade”, então pensava eu: “ Se eu tenho trabalhado, tanto e tanto, em serviço de voluntariado à Comunidade, então vai chegar o momento em que serei recompensada”. Também tinha um peso enorme a formação profissional do candidato. Frequentei e, sempre que me é possível, frequento acções de formação, não em busca do dito “crédito” mas para valorização pessoal.

Alimentei a esperança durante alguns meses, passei momentos de angústia, noites instáveis com sonhos disparatados... eu sei lá o quê.

Finalmente chegou o dia D. Quando uma colega me informou, pessoalmente, “Tu ficaste apurada!”, fiquei boquiaberta, deitei mãos à cabeça, inclinei-me para baixo, sem palavras, por breves instantes. Levantei a cabeça, olhei a colega nos olhos e as lágrimas caíam-me pelo rosto, tanta era a emoção e disse:

- **“Eu tinha a esperança de que isto me ia acontecer!”**

Laurinda Cameirão-1

## SORTE OU AZAR DA VIDA

**Oriunda de uma família de seis filhos, de uma pacata aldeia transmontana, recordo uma tarde quentíssima de Verão em que parti para a cidade, com dez anos incompletos, para ser dama de companhia de uma sexagenária abastada, viúva de um oficial de cavalaria. Por lá fiquei mais de uma década, com altos e baixos à mistura, até que a morte chamou a si a D. Rosa, aos 83 anos de idade.**

Concluí o ensino primário, já na cidade, numa escola privada, que ficava muito longe da minha residência.

Continuei os estudos. Ingressei no Liceu Nacional de Bragança, na turma do 3-º Q, a única turma mista do Liceu, nesse ano. Época muito instável que atravessava o nosso país. Encontrava-me já no 4-º ano (agora o 8-º ano) quando deflagrou a Revolução dos Cravos, o 25 de Abril de 1974.

Concluí o 5-º ano e fiz exame de admissão ao Magistério Primário. Reprovei. Regressei ao Liceu, matriculando-me no Curso Complementar, área de letras, curso de Germânicas ( Inglês, Alemão). No ano seguinte voltei a candidatar-me ao Magistério e fui seleccionada para os exames orais. Entro então para uma nova Instituição, com uma interessante particularidade: era o último ano em que era exigido o 5-º ano liceal como habilitação mínima e previa-se o alargamento do curso, de dois para três anos.

Todo este percurso poderá ser, aos olhos de quem lê, normal para qualquer estudante. Então porquê lembrar estas “memórias”?

Considero que fui uma heroína, uma grande lutadora, com muita força de vontade para ser “alguém” na vida, apesar de ter passado por muitas angústias, dissabores, privações que mais adiante, ao escrever mais memórias, descreverei.

Existia uma diferença abismal que me distinguiu de qualquer outro aluno. Enquanto que a eles eram os pais que suportavam todos os encargos da sua educação, a mim, era eu própria que trabalhava de empregada doméstica, para suportar todos os encargos da minha formação pessoal.

Fui aluna bolsista da Fundação Calouste Gulbenkian e mais tarde, já no Magistério, subsidiada pelo I A S E e mais o vencimento que auferia.

Entretanto, a senhora Rosa não resistia à morte, depois de ter estado vários anos acamada e eu cuidando dela. Encontrava-me no 1º período do 3º ano do Magistério. O vencimento que recebia “morreu” também.

Contavam-me que o estágio ficava dispendioso, porque havia necessidade de fazer muito material didáctico. Os meus pais não tinham condições económicas para suportar esses encargos. Sobrevivi da ajuda monetária de amigas, dos subsídios que me concederam e das economias do meu magro vencimento. Até concluir o curso fiquei a viver no casarão da D. Rosa.

“Desisto ou termino o curso?”- perguntava-me, muitas vezes, a mim mesma. Afinal acabei o curso em 9 de Julho de 1979, com a média de 14 valores já que, por mais um azar da vida, tive que ficar sujeita à média nacional. Senão a nota final seria de 15 valores.

Laurinda Cameirão-2

## **A BONECA QUE DESEJAVA**

Hoje é dia da árvore. Tema muito sugestivo, para mim, pois a minha infância foi partilhada com tantas e tantas árvores. Era debaixo das árvores que eu brincava, era ao cimo das árvores que eu trepava e tentava descobrir os ninhos, bem escondidos debaixo das suas ramagens.

Recordo, com saudade, esses recantos da natureza onde tudo tinha vida. Era o riacho que corria, as violetas e as páscoas que cresciam, as árvores gigantes que davam sombra. Tudo isto fazia parte do meu mundo de criança.

Mas havia uma árvore diferente de todas as outras, uma nogueira enorme. Era debaixo dessa nogueira que eu brincava às bonecas, ao faz de conta, ao esconde - esconde.

Adorava brincar com as minhas amigas e são essas brincadeiras que eu mais recordo. Tanto gostava de brincar, que imaginava como seria bom que Deus me desse um “lameiro” cheio de bonecas, em que as árvores seriam as casas, pois as suas folhas verdes e espessas não deixariam entrar nem o frio nem o sol. É que eu não tinha bonecas para brincar e esse era o meu brinquedo mais desejado.

Um dia, junto do lavadouro, onde várias mulheres lavavam roupas, vi uma boneca caída no chão. Os meus olhos ficaram presos à boneca. Mas ela não era minha! E eu tinha medo que as lavadeiras me vissem apanhar. Seria possível que não tivesse dono?

Criança da aldeia e cheia de todos estes medos, continuei atrás das vacas, em direcção ao lameiro. Mas continuava inquieta, pois a boneca caída no chão não me saía do pensamento. E não resisti à tentação: deixei as vacas no lameiro e corri ao local onde a boneca estava caída. Felicidade a minha, pois as lavadeiras já tinham ido embora e o lugar estava solitário. O medo continuava; eu sabia que a boneca não era minha e a educação era rígida: ai de quem tocasse em algo que não fosse nosso!

Isso martelava-me a minha cabeça, mas o encanto pela boneca era enorme. Parei, olhei para todos os lados e não vi ninguém. Peguei nela e corri ... e quanta felicidade levava dentro de mim. Pois tinha uma boneca para brincar.

Francisca Neves Pires-1

## **OS CONTOS QUE EU OUVI QUANDO ERA CRIANÇA**

Vou escrever mais uma memória e esta vai ao encontro do dia Mundial do Livro.

Gostei imenso de ouvir a Senhora Doutora falar do livro e, nesta simples folha de papel, recordo

“Os contos que eu ouvi quando era criança”.

Sentada nos seus joelhos, não me cansava de a ouvir. A velha Maria contava-me tantas histórias! Eram histórias mil vezes repetidas, mas onde havia sempre a surpresa de um elemento novo.

Que poder de imaginação e de imitação! O lobo, o vento, a menina, a chuva, tudo tinha um rosto, uma voz, vida. E eu aprendia a sonhar, aprendia o prazer da fantasia e aprendia aquelas coisas que só a vida nos ensina. Aprendia a imitar os animais, aprendia de que lado nasce o sol e para onde corre o rio...

Depois acabava sempre da mesma maneira: “Eu já não sei mais, mas nos livros há contos mais bonitos que os meus.”

Então eu levava-lhe os livros da minha irmã que já andava no liceu. Ela sorria e apontava as letras com o seu dedo cansado e repetia: - Era uma vez... era uma vez....

Mas a Maria não podia continuar a história... e, olhando-me nos olhos, triste, comentava: “Deve ser um conto muito bonito, mas eu não sei ler”.

E ficávamos as duas, muito juntinhas, a imaginar, em silêncio, o que aconteceria dentro daquelas páginas, à menina, à velhinha, ao cavalo ou à flor que víamos pintados na capa.

Por fim, a Maria levantava-se, fazia-me uma festinha e murmurava:

- Não tenhas pena. Quando tu souberes ler, vai ser muito bom. Vais ser tu a contares-me histórias.

E eu quis aprender depressa.

Hoje penso para comigo: Será que os livros de hoje, para crianças, são mais importantes que os do meu tempo, que não tinham folhas nem sequer imagens?

Francisca Neves Pires-2

## **Memória da Infância – I**

---

Recordo-me como se fosse hoje. Tinha, talvez, uns nove ou dez anos.

Na minha aldeia, no princípio do Verão, quando os dias começavam a aquecer, era costume as mulheres irem para o ribeiro, lavar os colchões e os cobertores das camas. Eu costumava ir sempre com a minha mãe. Não que a ajudasse muito, mas fazia-lhe companhia e tomava uns bons banhos, naquela água límpida e fresquinha.

Quando a fome apertava, lá ia eu a casa, buscar o almoço que a minha avó já tinha preparado nas “merendeiras”. E que bem sabia uma refeição ao ar livre, à sombra de uma árvore, à beira da água!

Mas a minha memória prende-se mais com o que me aconteceu, num desses dias. Enquanto a minha mãe foi estender a roupa ao Sol, eu ajoelhei-me à beira do ribeiro que, por sinal, naquele lugar, era bastante fundo, para lavar umas pecinhas de roupa, pequenas. À minha frente estava uma pedra bastante escorregadia. Quando me inclino para a frente, para chegar à água, as mãos escorregam-me e lá vou eu, de cabeça, para o fundo do poço. Que grande aflição! Nem quero pensar!

Debati-me com pedras e ramos de árvores que havia no fundo, tentando agarrar-me a qualquer coisa. A aflição era grande, pois eu não sabia nadar. Até que, por fim, consegui agarrar-me às raízes de uma árvore e a alguns ramos e sair da água, ofegante e assustada.

Escusado será dizer que, embora continuasse a ir com a minha mãe, nunca mais me cheguei à beira do ribeiro. Ainda hoje sinto receio, quando vou à praia, ou ao rio, e nunca entro na água, se não tiver pé.

**Ana Maria Nunes Rodrigues-1**

## Memória da Infância – II

---

Há muitos anos, quando eu era miúda e frequentava a Escola Primária da minha aldeia, aconteceu um caso que, na altura, me marcou bastante. Não me recordo bem em que classe andava. Talvez na 4.<sup>a</sup> classe. Como de costume, eu e as minhas colegas, ao sábado à tarde, íamos varrer e limpar a escola.

Naquele tempo, não havia empregada de limpeza nas Escolas e, por isso, éramos nós, as alunas, que limpávamos a sala. É claro que os rapazes também apareciam por lá. Umhas vezes ajudavam, outras só atrapalhavam ou faziam “queixinhas”, na segunda-feira seguinte, à professora. Foi o que aconteceu daquela vez.

Terminada a limpeza, fechámos a porta e fomos para casa, pensando que tudo estava em ordem. Mas não era assim. Dois vidros da janela tinham ficado abertos durante todo o fim-de-semana. Quando nos apercebemos do sucedido, eu e as colegas corremos a fechá-los. Tarde demais! Um colega nosso que, por sinal, não era flor que se cheirasse, disse que ia contar tudo à professora, quando chegasse. E se bem o disse, melhor o fez.

Escusado será dizer que, para além da lição de moral que tivemos de ouvir, na presença de todos os colegas, ainda nos foram bem aquecidas as mãos, com uma régua de madeira, usual naquela época.

Eu fiquei muito magoada e senti-me profundamente revoltada. Não tanto contra a professora, mas muito mais contra o meu colega, que não soube compreender nem encobrir o nosso

**Ana Maria Nunes Rodrigues-2**

## Alvará sem Cobertura

Início de carreira, vida de cigano, com destinos traçados! Colocações de curta duração.

Ano de 1979. Quarta-feira. Dia de colocações. Escola de destino: Campo de Víboras, Vimioso.

De “alvará” por companhia e “à boleia”, por economia - já que automóvel não tinha - aí vou eu, madrugada fora.

Chegado a Vimioso, pelas 9 horas, encontro, no centro da Vila, sede da Delegação Escolar, o Sr. Delegado, já conhecido de outras iguais situações que, admirado, me pergunta:

- O que anda o meu amigo a fazer?

Ao que retorqui, já desconfiado:

- O que ando a fazer, Sr. Delegado Escolar?! Tenho em meu poder um alvará de colocação para uma escola do seu concelho.

E o Sr. Delegado prosseguiu:

- Para o meu concelho não, que não tenho escola nenhuma vaga!

Admirado, questioneei novamente:

- Não tem escola? Como assim, se eu tenho um alvará?!

O Sr. Delegado continuou:

- Quero lá saber, não tenho escola, não pode haver alvará. Esse alvará não pode existir!

Então pensei alto e disse:

- Sr. Delegado, então tenho um “alvará sem cobertura”!?

Ao que, humoristicamente, respondeu o Sr. Delegado:

- Ora, isso mesmo, não tem cobertura, nem escola.

Perante tal situação, não nos restou mais nada senão tentar saber, do local de emissão, o porquê desta estranha confusão. O Sr. Delegado, pegando no telefone e aguardando a ligação, comentou:

- Ora vamos lá ver se eles nos arranjam uma escola para esse alvará!

Bom...e o que se “viu” foi que, além de me ter deslocado 140 km, de ter ficado sem escola, de ter pago um almoço, foi que, efectivamente, a vaga que tinha sido dada para colocação estava preenchida; era prolongamento de doença de uma professora, que estava deslocada da escola de que era titular, não obstante a vaga ter sido dada como sendo na escola a que pertencia.

Confusão, negligência, afinal, erro humano, chamemos-lhe o que entenderem. Alvará sem escola, alvará sem cobertura. Afinal, professor sem escola, era o resultado imediato.

Coisas do arco -da -velha, ossos do ofício, malabarismos da profissão docente.

É caso para dizer: “E o que mais estará ainda para acontecer?”

Bem, uma coisa é certa: se não fossem estas peripécias, como estaria hoje aqui a escrever estas memórias?!

*Luís C. Veiga*

## A Minha aldeia

Minha aldeia,  
Meu berço d'oiro,  
Perfumado a alecrim,  
Onde passarinhos cantam,  
Lindas cantigas sem fim!  
Que saudade,  
Que ânsia,  
OH! Minha aldeia,  
Do carinho de meus pais,  
Do tempo da minha infância!

Minha aldeia,  
Recordo bem, tudo isso.  
P'las tuas estreitas ruelas,  
Ovelhinhas caminhavam,  
Como um novelo movediço.  
Que saudade,  
Oh! Minha aldeia,  
Desses tempos de alegrias,  
Daquele ar cheirando a feno,  
Ao toque das Avé-Marias.

Minha aldeia,  
Linda terra, boa gente!  
Já não tens as segadas,  
As acarrejas e as malhas,  
Como antigamente.  
Mas tens o ar da tua graça,  
E os beijos do sol poente!  
Que saudade,  
Dos tempos que já lá vão!  
Das cantigas à desgarrada,  
E do teu cheirinho a pão!

Minha aldeia,  
Conservas alguns vinhedos.  
Teus casebres, são pombais,  
Com histórias e segredos.  
Que saudade,  
Oh! Minha aldeia,  
Do badalar do teu sino,  
Dos canteiros e das rosas,  
Dos campos e verdes prados,  
Com suas flores tão formosas!

Minha aldeia,  
Linda princesa serrana,  
Como tu não há igual.

Guardo-te na minha lembrança,  
Minha beleza, meu tesouro!  
Não te troco por Bragança  
Nem Lisboa, a capital.  
Não fosses tu,  
Flor minha,  
Meu nobre torrão natal!

Maria da Assunção Afonso Rodrigues

## A CANETA DE TINTA PERMANENTE

Estávamos no ano de 1959, frequentava eu a quarta classe.

Naquela altura exigia-se um exame, na sede do concelho, para o qual a professora nos preparava afincadamente.

Éramos 7 crianças. Como eu era a melhor aluna, a professora tinha grande expectativa em relação à minha prestação, depositando grande confiança em mim.

A prova aproximava-se e lá em casa, como eu era a mais nova de seis irmãos, todos me encorajavam e mimavam muito.

A minha mãe até me mandara fazer dois vestidos novos, um para a prova escrita, outro para a oral.

Um dos meus irmãos, nessa altura, estava na tropa e, como sabia do acontecimento, mandou-me uma caneta de tinta permanente. Estas canetas eram uma autêntica novidade, pois ainda se utilizavam, nas escolas, as canetas de aparo e molhadas no tinteiro.

Tudo aquilo criava em mim uma alegria desmedida, não pela prova em si mas por, mais uma vez, ser o centro das atenções de toda a família.

Chegou então o grande dia. Lá fui eu, com o meu vestido novo, cabelo com rabo de cavalo bem penteado e sapatos a brilhar. No início da prova escrita – altura do ditado – reparei com grande espanto que a caneta teimava em não escrever. Entrei em pânico, os olhos encheram-se de lágrimas; mas a minha timidez não me deixou pedir ajuda aos professores.

Iniciei então uma guerra com esta caneta. Por mais voltas que lhe desse, ela teimava em não escrever.

Já iam passadas duas ou três linhas de ditado quando, para minha surpresa, surgiram as primeiras letras. Primeiro timidamente e, logo, em traço cheio, para minha grande satisfação. Não houve tempo, porém, para completar o texto em falta, e a prova foi entregue assim mesmo.

Uma outra surpresa desagradável estaria para chegar, ao fim da manhã. A pauta apareceu e só um nome constava a letra vermelha “REPROVADA” ....o meu!

A minha professora não se conformava e, durante o trajecto de regresso a casa, banhada em lágrimas, repetia vezes sem fim:

- Não é possível! Não é possível!

Isso era o que eu também pensava. Afinal a minha professora andara sempre a fazer-me crer que eu era a melhor aluna. Mas desta vez foi a caneta nova que me traiu. Porque é que eu não teria escrito com a caneta de aparo?

Lembro-me que fiquei muito triste e até envergonhada. E acho que, desde então, nunca mais gostei de escrever...

*Maria Cândida Salgado Pires*

## A PARTIDA

Foi numa cinzenta tarde de Outubro. Encontrava-me na minha pequena aldeia onde era feliz, apesar dos trabalhos que já faziam parte do meu dia a dia, além da escola e dos tão belos serões em volta da lareira, à luz da candeia. O meu coração bateu mais apressadamente: estava decidido que a «menina» tinha que ir para Bragança para prosseguir estudos.

Era a única filha do casal e todos me queriam ver no Liceu, para que não me acontecesse como a tantas outras meninas, que tinham de passar o tempo atrás do arado para governar a vida.

Bragança não era longe (cerca de vinte quilómetros) mas já me parecia que ia para o fim do mundo. Nunca tinha saído da minha aldeia e tinha que deixar tudo aquilo que eu amava: os meus pais e irmãos, as amigas, a casa, as vacas, a burra que eu montava todos os dias, não esquecendo o cantar do galo e o toque das Trindades, o sinal de regresso obrigatório a casa quando andava a brincar.

– Menina, para a cama! Amanhã é preciso madrugar - disse o meu pai.

Com as lágrimas nos olhos, levantei-me, pedi a benção aos meus pais e disse:

- Até amanhã, se Deus quiser.

Fui para o quarto, mas dormir é que eu não conseguia. Eu tinha mesmo que ir para Bragança! Mas porque não continuar os estudos na Réfega? – interrogava-me.

Conforme combinado, quando o dia amanheceu, minha mãe arranjou-me, com um vestido comprido, uns sapatos novos, um laçarote no cabelo e fez mil recomendações, lembrando aquilo que estava naquele saco e no outro. Entretanto, o meu pai ia

colocando tudo nos alforjes que haviam de ser carregados pela burra, único meio de transporte de que dispúnhamos.

Tudo pronto, despedi-me como se fosse partir para muito, muito longe... e, acompanhada pelo meu pai, iniciámos a viagem que demorou quatro horas.

Chegados a Bragança, o meu pai entregou-me à Tia Aninhas, senhora bondosa que me hospedou em sua casa, e despediu-se:

- Se Deus quiser, no Natal, já voltamos a estar juntos. O tempo passa depressa.

Deu-me um beijo e foi embora, pois esperava-o a viagem de regresso a casa.

Nesse momento, senti-me só e triste, não aguentei a emoção e chorei muito, muito, ao ver o meu pai desaparecer na curva da Muralha.

Decididamente, estava em Bragança.

A Tia Aninhas confortou-me como pôde e comecei a reagir positivamente. Nos primeiros dias tudo foi diferente, principalmente as longas noites que me faziam recordar tudo o que deixara na aldeia. Mas, lentamente, comecei a ficar feliz porque sentia que ia poder concretizar o meu sonho - ter um curso.

O tempo foi passando e, naturalmente, fui-me adaptando à nova realidade, mas foram momentos que jamais poderei esquecer e que relembro com saudade.

Arminda Inói Rodrigues Miranda

### **Algo mais para recordar!**

“Se bem me lembro” ... – e parafraseando aquele vulto das letras que foi o insigne açoreano Vitorino Nemésio – decorria a época normal de exames, no liceu de Vila Real, onde eu havia frequentado o 5º ano, o antigo quinto ano do Liceu, de que o agora nono ano de escolaridade é uma sombra, em saberes e rigor.

Estes exames tinham a vantagem de nos irem habituando a prestar provas e a libertar-nos da terrível barreira do medo. E íamos percebendo que, só ficando aprovados, poderíamos prosseguir a nossa carreira académica.

Esse quinto ano liceal de então era dividido, como se sabe, em duas secções: a de Letras e a de Ciências. Desta, fazia parte a prova escrita de desenho (agora Educação Visual), à qual eu compareci, munida de todos os apetrechos necessários: a régua, o esquadro, o compasso, o tiralinhas, a tinta nanquim....

Feita a chamada, à porta da sala, eu e os meus colegas fomos acomodando nos respectivos lugares e, no mais rigoroso silêncio, iniciámos a prova que, depois de lida por um dos professores vigilantes, logo verificámos não ser nada fácil! Olhei para o tecto, observei o quadro preto, que apenas tinha inscrito o tempo de duração da prova; espreitei de soslaio o silencioso aspecto de alguns colegas que me rodeavam e que, por certo, também se interrogavam. Comecei então a minha prova de Desenho Geométrico, a que tivera uma nota média de frequência de 15 valores.

Já ia a meio da prova quando, de repente, se me soltou o sangue do nariz, que me sujou o desenho, praticamente acabado, e deixou-me inutilizado.

Fui conduzida à casa de banho por um dos professores, cuja imagem ainda hoje conservo na memória... e, logo que o sangue estancou, regresssei ao meu lugar. Mas teria de fazer uma nova prova, nos últimos vinte minutos que faltavam para acabar. Espanto meu!... pois nem me passara pela ideia o ter de fazer nova prova, naquele curto espaço de tempo!...

O certo é que não me era dada oportunidade para ir à segunda chamada. Mesmo com as lágrimas nos olhos, o remédio era fazer o que estava ao meu alcance, o que se traduziu no desenho feito com o compasso e a lápis. Senti-me a mais infeliz das criaturas, pois a minha nota não iria corresponder ao meu saber.

Cheguei a casa desorientada e contei aos meus saudosos pais o que me havia acontecido em plena prova. Tentaram animar-me, mas em vão! Sentia uma grande revolta, porquanto era aluna daquele liceu, desde o primeiro ano e, como tal, me parecia justo ter uma nova oportunidade, na segunda chamada. Eu entendia ser um direito meu, e de toda a justiça, mas nada havia a fazer. Só me restava ter que esperar o resultado daquela fatídica prova!... e que se viria a traduzir num “chumbo” à secção de ciências.

Recordo este episódio sempre que observo e leio sobre a vida actual dos nossos estabelecimentos de ensino. Como tudo é diferente!... o aluno tem sempre razão... o professor é o último a manifestar a sua opinião, o que poderá ainda trazer-lhe consequências desagradáveis. Com efeito, os tempos mudaram...

Marília Cardoso Pinto de Sousa

## **BINCADEIRAS AO SERÃO**

Como o jogo é uma forma de passatempo, descanso, recreio e divertimento, eis-me aqui a recordar alguns jogos efectuados por mim, por alguns familiares e amigos de infância: Pote Furote, Rapa, Punho, Ferrum fum fum...

Quando eu era menina e moça, em minha casa fazíamos muitas vezes, brincadeiras ao serão, que ainda hoje recordo com saudades.

Uma dessas brincadeiras era o jogo do Ferrum-fum-fum.

No tempo das castanhas juntavam-se familiares e alguns amigos e assávamos um assador de castanhas para fazer bilhós.

Feitos os bilhós, cada um ficava com uns poucos em cada mão e escolhíamos o parceiro para jogar. Com as mãos voltadas para baixo e bem fechadas diziam, dois a dois:

-Ferrum-fum-fum.

-Ferrum-fum-felha.

-Quantos porcos há na cortelha?

O outro tentava adivinhar o número de bilhós que o primeiro escondia nas mãos.

O companheiro abria as mãos e se tivesse menos que a quantia que o colega dissesse, o outro tinha que lhe dar tantos bilhós quantos os necessários para fazer essa quantia. Se tivesse mais, era o contrário. Isto repetia-se e iam saindo do jogo aqueles que, em primeiro lugar, ficavam sem bilhós. Ganhava o jogo o que ficasse com os bilhós todos.

No final, os bilhós eram comidos em conjunto, acompanhados com água-pé e jeropiga.

Assim passávamos os serões com jogos saudáveis e divertidos como este.

Sabe bem recordar brincadeiras que tanto me divertiram na minha meninice.

**MARIA ALBINA NOGUEIRO ALVES-1**

## **As Minhas Memórias com os alfabetizados**

???

**MARIA ALBINA NOGUEIRO ALVES-2**

## **O Sr. Guilhermino**

Parte da nossa vida é festa, porque resulta de um conjunto de experiências que nos deram ou dão alegria. Mas há também uma parte que é feita de coisas humildes e necessárias de cada dia, que nos são impostas pelo dever. Esta parte também pode ser alegre se for inserida num projecto de realização pessoal. A parte dolorosa é sempre mais difícil de integrar.

Cada pessoa tem o seu passado, a sua história... que pode recordar com alegria e saudade ou mesmo com uma certa nostalgia.

Eu reporto-me várias vezes, com saudade, aos meus 4 ou 5 anitos quando, com muito carinho e cuidado, transportava o meu banquinho de madeira esfregada, debaixo do braço, para colocar na sala acolhedora da minha pré-primária. Já lá vão quase 50 anos... mas a imagem do sr. Guilhermino, meu professor e contador de histórias, jamais

se apagará da minha mente. Não sei quais eram as suas habilitações, também para o caso não importa; só sei que os contos de fadas, de animais, de meninos bons e meninos maus me marcaram profundamente.

Ainda hoje me sirvo delas para encanto dos meus alunos.

**Carolina Eiras-1**

## **O Burro**

Nasci e vivi até aos 8 meses na pequena aldeia de Matela, concelho de Vimioso. Os meus pais, no intuito de dar um curso aos filhos, decidiram vir residir para Bragança, não se desligando da aldeia, uma vez que a minha avó materna ficava lá sozinha. Sendo assim, tive sempre a oportunidade de poder passar aí parte das férias.

Recordo bem a troça que as pessoas faziam de mim, quando eu falava, e dos sustos que os mais novos me pregavam, logo que se aperceberam do medo que eu tinha de tudo. Como não havia luz eléctrica, todas as sombras e ruídos me apavoravam.

A casa da minha avó tinha umas escadas exteriores, onde eu costumava brincar. Em frente, vivia um casal com um filho dos seus 17 ou 18 anos de idade, um rapaz muito engraçado e amigo de pregar partidas às pessoas.

Um belo dia, o moço viu-me na varanda, sozinha e sem dizer palavra, desapareceu... Algum tempo depois, senti um estranho barulho e olhei...E o que vi?

Um animal estranho caminhando na minha direcção!

Corri e gritei o mais que pude. A minha avó acudiu, aflita, aos meus gritos e deparou com aquela cena: o burro do vizinho, de focinho pintado, com um chapéu de palha na cabeça e um ramo de oliveira ao pescoço, obrigado, à força de empurrões, a subir as nossas escadas!

O pior foi depois para o burro descer. A varanda era estreita e não permitia grandes manobras. E foi o burro obrigado a descer de traseira, enquanto o moço o amparava com toda a força que tinha.

Enfim! São estas e outras pequenas situações que fazem a história do passado de cada um.

**Carolina Eiras-2**

## Luzes e medos

Era ainda uma criança de tenra idade, alegre e brincalhona.

Tinha os meus sete anos. Vivia na aldeia onde nasci. As recordações desses tempos tão felizes povoam a minha memória: as brincadeiras nos prados tão verdinhos, os banhos no rio, as traquinices com os colegas da escola.

Nesse dia que hoje recordo, era um fim de tarde calmo. Para grande contentamento meu, fui convidada por uma prima para levar a «ceia» ao pastor que apascentava o rebanho, ali mesmo pertinho de casa. A alegria que senti foi indescritível, pois a minha experiência nestas aventuras nocturnas era pouca, uma vez que os meus pais tinham pouca lida agrícola.

Ainda ela não tinha acabado de fazer o convite, já eu estava a dizer que sim. Enquanto a minha tia preparava as marmitas, já quase anoitecia; vesti o meu casaco quentinho de lã de ovelha, que a minha mãe me fizera.

Estrada fora, lá fomos nós cantarolando. Depressa avistámos o pastor e rapidamente chegámos à pastagem. Conversámos um pouco, brincámos com os cães e preparámo-nos para a curta viagem de regresso, já em plena escuridão nocturna.

E o insólito aconteceu!

Poucos metros percorridos, fixo os olhos numa parede de pedra, que delimitava uma pequena horta, e vejo uma luzinha a brilhar. Fiquei petrificada! O que seria? Só podia ser o cigarro de um homem ali escondido. Incapaz de pensar, comecei a correr descontroladamente. Cortei a direito, pelo monte, coberto de estevas, carquejas, giestas e todo o tipo de vegetação selvagem. O pânico era tanto que sentia o corpo trémulo, os movimentos descoordenados e suores frios. Durante este percurso perdi a noção do tempo e do espaço.

Finalmente cheguei a casa. O corpo completamente arranhado, o cabelo despenteado, as roupas rasgadas e apenas um sapato. Claro que nem me lembrei da minha companheira!

Passado pouco tempo, chegou ela, mais habituada a estas realidades do campo, a rir à gargalhada, pois, afinal, o cigarro aceso não passava de um pirilampo.

Nunca mais esqueci esta aventura e, à noite, passei a estar mais atenta às «luzinhas a brilhar».

DENÉRIDA FERNANDES